Revisão do Paraíso

Com base em relatos de mais de cem viajantes pouco estudados, livro de historiador de Franca mostra como essa literatura influenciou o olhar europeu sobre a América e questiona a tese central do clássico de Sérgio Buarque de Holanda

Pablo Nogueira
pablodiogo@reitoria.unesp.br

O general e ex-presidente da França Charles de Gaulle (1890-1970) era um homem de ação, não um acadêmico. Mas entre nós ele geralmente é lembrado como autor de uma célebre reflexão sobre o caráter brasileiro. "O Brasil não é um país sério", teria dito de Gaulle em 1963 ou 1964, a depender da versão da história que se adota.

Desde os anos 1960, autoridades brasileiras e francesas negam que o general tenha alguma vez questionado a seriedade deste país. Apócrifa ou não, a frase incorporou-se de tal forma ao imaginário nacional que levou certa vez uma diplomata francesa a comentar: "o mais interessante não é saber quem a disse ou não, mas sim constatar que o Brasil a adotou como uma definição possível da sociedade brasileira".

Muito antes que a seriedade do Brasil do século 20 fosse colocada em dúvida, porém, ideias e conceitos formulados originalmente por gringos já eram usados por nossa elite para refletir sobre as características e os problemas do país. Assim pensa o historiador Jean Marcel França, do departamento de História da Unesp de Franca, que está lançando o livro *A construção do Brasil na literatura de viagem*, pela Editora Unesp.

Fruto de uma pesquisa de quase vinte anos, a obra baseia-se em relatos de 117 viajantes ingleses, franceses, alemães, italianos e holandeses que visitaram o Brasil entre os séculos 16 e 18, período em que a presença de não portugueses aqui era controladíssima. O livro também reproduz, total ou parcialmente, textos de 28 aventureiros.

O uso de relatos de viajantes como fonte documental é tradicional na historiografia brasileira. O mais comum, entretanto, é que os historiadores recorram a um número pequeno de autores já bastante estudados, como o francês Jean de Lery ou o alemão Hans Staden, que aqui pisaram no século 16.

Imagem: Paraíba, de Frans Post, 1647

TÃO RUIM
A terra do Brasil é, pois, tão ruim que seria impossível ocupá-la e aí permanecer se não houvesse o comércio de açúcar e de madeira.

François Pyrard de Laval, 1610

A principal novidade do livro de França é a apresentação de viajantes bem menos conhecidos, muitos deles traduzidos pela primeira vez em nossa língua. Outros foram vertidos ao português apenas no início do século 20, e depois esquecidos pela academia.

"Estes textos são usados como fonte de informações sobre características específicas do Brasil daquele período", diz França. "Meu livro é um esforço para entender como a literatura de viagem construiu para o europeu uma perspectiva sobre o Brasil, que depois teve um enorme impacto na construção que o próprio brasileiro fez do Brasil."

O trabalho do historiador da Unesp inspira-se, também, nas reflexões do colega mexicano Edmundo O´Gorman (1906-1995) sobre o real significado das viagens de Cristóvão Colombo.

PREGUIÇA E LUXÚRIA

Os homens de bem [...] são acusados, e não sem razão, de serem vaidosos,arrogantes e cruéis para com os seus subordinados. Conta-se, a propósito disso, que um capitão de navio golpeou mortalmente um marujo pelo simples fato de este ter sido pouco cortês. A maioria desses homens é totalmente avessa ao trabalho, preguiçosa e muito inclinada à volúpia. Nem mesmo os padres e monges estão isentos desses vícios. A luxúria, especialmente, tornou-se tão familiar entre eles que sequer se dão o trabalho de ocultá-la.

Viajante francês anônimo, de 1703

Imagem: *Elevação e Fachada*, de Carlos Julião, 1779

Invenção da América

Embora Colombo sempre tenha estado convicto de que havia alcançado algum ponto do litoral da Ásia, com o passar do anos foi ficando claro, tanto para os espanhóis quanto para o restante da Europa, que aquelas terras não pertenciam a nenhuma região do mundo previamente conhecida.

"A América, como tal, literalmente não existia. Havia uma massa de terra que, com o tempo, será investida deste nome, deste ser", escreveu O´Gorman. O que ocorreu após a viagem foi um processo de elaboração simbólica que resultou não na descoberta, mas sim numa "invenção da América" (título de um livro do mexicano) por parte dos europeus.

Para mapear qual foi esse Brasil inventado no imaginário dos europeus, o historiador de Franca busca identificar quais as características mais frequentemente mencionadas nos relatos dos viajantes que aportaram na colônia. Encontrou pelo menos quatro. Uma delas é o encantamento com o ambiente natural, a começar pelo clima.

A expectativa dos europeus era a de que a região do globo compreendida entre os trópicos fosse castigada por temperaturas tão elevadas que até poderiam impedir que homens vindos do norte se instalassem por aqui. É por isso que muitos se encantam ao encontrar uma realidade mais amena.

Foi o que expressou o francês Nicolas Barrés, que em 1576 chegou à Baía de Guanabara, onde registrou que "ao contrário do que diziam os antigos, parecia bastante temperada, de tal modo que os homens que estavam vestidos não precisavam se despir e os que estavam despidos não careceram de se cobrir".

Aos poucos surgem menções ao calor. Em 1748, um anônimo francês em visita ao Rio afirmou que "o calor é bastante forte. Durante os meses que passamos na cidade, apesar de ser inverno, enfrentamos dias mais quentes do que no nosso verão".

Além do clima, a fauna e a flora também são objeto de descrições empolgadas. O aventureiro inglês Flecknoe observou poeticamente que "as aves aqui são tão belas que poderíamos afirmar que a natureza aprendeu aqui seus matizes antes de pintar as nossas".

Em 1768, outro inglês, o célebre capitão Cook, anotou que "os lugares mais selvagens são cobertos por uma grande quantidade de flores que, no tocante ao número e à beleza, superam aquelas dos jardins mais elegantes da Inglaterra".

Mas o elemento mais referido é a fertilidade da terra. Os viajantes fazem referência aos mais variados cultivos – uvas, romãs, laranjas, melões, bananas, goiabas, limões, cana-de-açúcar, tabaco, milho, índigo e um vasto etc. "Toda terra do Brasil é boa, mas é mal cultivada", escreveu um certo senhor de Mondevergue em 1666.

Visão semelhante apareceria nos escritos do britânico James Tuckey, que afirmou em 1803 que "o solo é tão rico que o fazendeiro tem de estar atento para impedir o rápido crescimento da mais luxuriante vegetação, bem como de matos e arbustos".

Já a dimensão humana do Novo Mundo recebeu olhares bem menos entusiasmados por parte dos visitantes. O francês André Thevet via os habitantes originais da Baía de Guanabara como "selvagens sem fé, lei, religião ou civilização, vivendo antes como animais irracionais".

Causavam aversão, em especial, os rituais canibais praticados por índios da costa brasileira, descritos por Hans Staden e alguns outros dos primeiros viajantes a pisar aqui. Em número menor, houve também quem enxergasse qualidades nestas comunidades. O padre Louis de Pezieu, que viveu no Maranhão, tinha "excelente opinião das crianças, as quais são todas muito amáveis" e ponderava que "as pessoas são todas naturalmente muito dóceis".

Um olhar ainda mais rigoroso recaiu sobre o colono português. O francês François Froger, que esteve no país em 1698, registrou que eles "em geral são possuidores de numerosos escravos e de famílias inteiras de índios que mantêm a contragosto nos engenhos. Os escravos ocupam-se da quase totalidade dos trabalhos da casa, o que torna os habitantes moles e efeminados, a ponto de serem incapazes de se abaixar para pegar um alfinete".

Outro francês anônimo, de passagem por aqui em 1703, viu algo parecido: "os homens de bem são acusados, não sem razão, de serem vaidosos, arrogantes e cruéis para com seus subordinados", escreveu.

A mulher brasileira também causou fortes impressões. A julgar pelos escritos, tinham uma grande predileção por estrangeiros. "Em resumo, as mulheres da Baía de Todos os Santos são mais amigas dos estrangeiros do que os homens", comentou em 1610 François de Laval, num relato onde registrou as aventuras amorosas que viveu em Salvador. Outros criticaram a maneira como a colônia parecia tomada por uma sensualidade desenfreada.

Gente debochada

"Os costumes neste país são corrompidos e os homens não ruborizam por nada. As mulheres não são menos debochadas e publicamente vivem de maneira completamente desregrada. Os religiosos e os padres seculares, além de ignorantes ao extremo, mantêm relações públicas com as mulheres, muitos a ponto de serem conhecidos não pelos seus nomes, mas pelo de suas senhoras", anotou outro francês, de nome La Barbinais.

> "Os escravos ocupam-se da quase totalidade dos trabalhos da casa, o que torna os habitantes [portugueses] moles e efeminados, [...] incapazes de se abaixar para pegar um alfinete", escreveu François Froger, que passou pelo Brasil em 1698

Curiosamente, os portugueses, quando escreveram sobre o Brasil colonial, apresentaram outro ponto de vista. "Os viajantes destacavam o exotismo. Já os portugueses queriam apresentar o Brasil como uma casa, um lugar onde se podia viver e produzir", explica Sheila Hue, professora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro e estudiosa dos primeiros cronistas lusitanos a escrever sobre o país. Estas obras pintavam um retrato da colônia um pouco diferente.

Gabriel Soares de Souza, um senhor de engenho que vivia na Bahia do século 16, produziu para o rei um alentado relatório sobre a vida na colônia, afirmando sua grande viabilidade econômica e solicitando investimentos. Pero Gândavo, autor de uma *História da Província de Santa Cruz* escrita no século 16, fala de cidades com casas "mui assobradadas, com pedra e cal, como as deste reino: das quais há ruas mui compridas e formosas na maioria das povoações de que fiz menção".

Quanto ao cotidiano dos colonos, Gândavo explica que "esses moradores todos, em grande parte, tratam-se muito bem, e folgam-se em se ajudarem com seus es-

Imagem: S. Salvador/Baía de Todos os Santos, de Claes Janszz Hessel Gerritz, cerca de 1624

FÚRIA DA BALEIA

Encontrei no Brasil um mercador francês, natural de Nantes, de nome Julien Michel, muito rico e de excelente caráter. Michel é sócio de um português e, por compra ou mercê, tem, por sete anos,a permissão da pesca de baleias nesta baía — o melhor lugar que há no mundo para esse tipo de pesca —, das quais se retira um óleo que é comercializado pelo francês. Os dois associados, porém, tocavam um negócio de tais proporções que, em todos os lugares da cidade que davam para o mar, se tinha o prazer de assistir — e era uma bela coisa de se ver — à caça e à captura de baleias. Um dia entre outros ocorreu que uma baleia, das grandes, vendo que sua cria tinha sido capturada, investiu com tal fúria contra os pescadores e seu barco, que lançou todos ao mar, salvando a sua cria — os homens, por seu lado, tiveram muito trabalho para se salvarem.

François Pyrard de Laval, 1610

cravos, e favorecem muito os pobres que começam a viver na terra [...] e nenhum pobre anda pelas portas a mendigar como nestes reinos".

Mas essa imagem de uma sociedade colonial potencialmente próspera e acolhedora não se radicou no imaginário europeu. Os relatos escritos por portugueses sobre a colônia tiveram poucas edições e circulação bastante restrita. "Portugal restringia a divulgação de informações sobre o litoral e as atividades econômicas da colônia como medida de segurança", diz Sheila.

Ao mesmo tempo, prossegue a historiadora, "livros sobre as navegações portuguesas ao Japão ou à Índia foram editados várias vezes sem problemas". Sheila dá como exemplo o caso de um relato sobre o Brasil escrito aqui por um jesuíta de nome Fernão Cardim. O texto foi enviado à Europa de navio, mas na viagem a embarcação foi interceptada por corsários ingleses. "O texto acabou sendo publicado pela primeira vez em inglês e atribuído a outro autor."

Estas obras eram levadas para a Europa e traduzidas a fim de orientar os corsários sobre os melhores lugares onde atuar no Brasil, segundo Sheila. "Sabendo disso, havia religiosos portugueses que, quando seus navios eram abordados por corsários, imediatamente jogavam todos os seus escritos ao mar", conta ela.

Mas França duvida que tenha ocorrido conspiração de sigilo por parte dos portugueses, e prefere atribuir a ausência de textos a um desinteresse das elites lusas pelas atividades intelectuais de forma geral.

Sem produzir literatura sobre o Brasil, evidentemente os portugueses também não a consumiam. Foi na França, na Inglaterra, na Holanda e na Alemanha que aos poucos os livros dos viajantes tornaram-se populares. Os best-sellers do gênero ganhavam edições em série e eram traduzidos para diversas línguas.

O mundo de além-mar revelava-se tão fascinante que o conteúdo dos relatos transbordava para além dos livros. Informações sobre povos bizarros passaram a fazer parte do cotidiano e eram reproduzidas em revistas, peças de teatro, romances e quadros.

Inspirando Shakespeare

Foi assim que a história de um marinheiro esquecido no Chile inspirou o inglês Daniel Defoe a escrever *Robinson Crusoé*. As descrições dos povos canibais do Brasil foram um dos fatores a inspirar Shakespeare a criar o personagem Caliban de *A tempestade*. Já as observações positivas sobre os indígenas da América portuguesa influenciaram o filósofo francês Jean Jacques Rousseau a elaborar o conceito de "bom selvagem".

A independência do Brasil em 1822 depositou nas mãos da nova elite dirigente o desafio de não apenas administrar politicamente a nação recém-surgida, mas também de fundamentá-la pela construção de uma identidade própria.

Mas, uma vez que todos os membros desta mesma elite comungavam dos valores da civilização europeia, faz sentido que hajam adotado, como ponto de partida para desenvolver suas próprias concepções, os conceitos que os europeus tinham construído sobre o Brasil por meio da literatura de viagem.

Dentre esses conceitos, talvez o mais debatido fosse o da situação de "barbárie" em que viviam as camadas populares. Enquanto o europeu era produtivo e industrioso, o brasileiro se mostrava pouco interessado no trabalho. O resultado era que, embora fosse uma nação dotada de riquíssimos recursos naturais, o Brasil era uma nação economicamente empobrecida.

Daí a necessidade de encontrar meios de civilizar a população, uma obsessão da elite brasileira ao longo do século 19. Este conflito entre a porção "operosa" e a porção "bárbara e preguiçosa" da nacionalidade brasileira é retratado, por exemplo, em *O cortiço*, o clássico romance de Aloísio de Azevedo.

Mas nem todas as ideias eram necessariamente negativas. A imagem dos índios brasileiros ajudou os escritores românticos a reconhecerem neles uma espécie de brasileiros originais, e a celebrá-los em obras clássicas como o romance *O Guarani* ou o poema *I Juca Pirama*.

A partir da década de 1920, a difusão das ideias modernistas e do pensamento de intelectuais brasileiros como Gilberto Freire inverteu a maneira pela qual esses estereótipos eram interpretados. Para aquela geração de intelectuais, os traços que haviam chamado atenção dos europeus não eram sinal de inferioridade, mas de identidade.

"Gilberto Freire defende que aquilo que temos de diferente em relação à cultura ocidental é sinal de uma civilização diferente, nem pior nem melhor do que a europeia. Se os europeus dizem que há uma anarquia no país, ele interpreta isso como sinal de uma lógica própria", afirma França. "De qualquer modo, ambas as abordagens são bastante centradas nos mesmos elementos que foram apresentados pelos viajantes. Só muda a maneira como são interpretados", acrescenta.

E a presença desses mesmos elementos segue pouco alterada tanto para europeus quanto para brasileiros, segundo o historiador. Basta ver como as brasileiras ainda são retratadas em revistas europeias, sempre muito bonitas, mas talvez fáceis demais. Ou a maneira idílica como a natureza é apresentada em nossos comerciais de guaraná.

A leitura dos viajantes menos badalados no mundo acadêmico tem permitido ao pesquisador da Unesp reinterpretar as ideias de ninguém menos que o historiador Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), autor do clássico *Visão do paraíso*, publicado pela primeira vez em 1959.

> Em *Visão do paraíso*, Sérgio Buarque de Holanda lidou com um número menor de textos de viajantes, dos séculos 16 e 17, explica Jean Marcel França, da Unesp em Franca. "Penso que essa identificação do Brasil com o paraíso foi mais tênue do que ele imaginou", diz

O Éden é aqui?

Na obra, Buarque de Holanda sustenta que certos elementos do imaginário medieval e renascentista guiaram os ímpetos dos primeiros exploradores europeus. Um exemplo é a crença *a priori* na existência de grande quantidade de esmeraldas, que teria levado tantos portugueses e espanhóis a se embrenharem nas selvas; sua origem estaria na lenda segundo a qual tais preciosidades eram abundantes no Jardim do Éden.

A ausência de certas doenças como o escorbuto e a peste bubônica no Novo Mundo, por sua vez, podia ser associada a certas lendas medievais que mencionavam ilhas onde não havia enfermidades, situadas no Éden. O autor rememora inclusive um texto anônimo do século 16, intitulado *Diálogo sobre as grandezas do Brasil*, que afirma que "não faltam autores que querem situar nesta parte [do planeta] o paraíso terreal".

Para França, porém, o avanço da pesquisa torna necessário repensar a tese central do livro de Buarque de Holanda. "Ele é, a meu ver, o melhor historiador brasileiro. Mas penso que essa identificação do Brasil com o paraíso foi muito mais tênue do que ele imaginou", afirma.

Buarque de Holanda lidou com um número menor de textos de viajantes, e mais concentrados no tempo, sempre nos séculos 16 e 17, explica o pesquisador. "Pode ser que o impacto dessa visão [do paraíso terreno] tenha sido maior na América espanhola.No caso do Brasil, não é algo que apareça muito nos textos dos viajantes que estamos estudando."